



OS ARCOS
PAIXÃO E MORTE



MARIANA BALTAR
& ÁGUA DE MORINGA



Encontro de Mariana Baltar e do conjunto Água de Moringa com a obra de Aldir Blanc tem coragem, rigor e três músicas inéditas

Foi em julho de 2014 que **Mariana Baltar** me escreveu o primeiro e-mail sobre o que ela passaria a chamar de “Projeto Aldir”. É em julho de 2019 que escrevo este texto sobre “**Os Arcos – Paixão e morte**”, CD (e também álbum digital, disponível nas plataformas) que concretiza o plano anunciado há cinco anos.

Seria compreensível que tanto tempo levasse a realização de um filme, não de um disco. Mas, nos dias brasileiros de hoje, a produção irrepreensível de um trabalho musical idem costuma ser longa e sofrida.

O amor de Mariana pela obra de Aldir Blanc não era passageiro, e ela não desistiu. Nunca percebi, em todos os e-mails recebidos, sinais de renúncia ao projeto. A cantora somou perseverança ao talento. Sem ambos, “Os Arcos – Paixão e morte” não teria a qualidade que tem.

Prova maior de seu empenho foi a localização, feita ao lado de outros participantes do projeto, da música que dá título ao CD. Trata-se de uma suíte composta por João Bosco e Aldir em 1971, quando a parceria estava no início e o violonista ainda vivia em Ouro Preto.

A peça foi registrada em 1973 para o disco “João Bosco”, o primeiro de sua carreira. Ganhou arranjo suntuoso de Luiz Eça. Mas foi descartada pela gravadora RCA Victor porque durava nove minutos. Ocuparia quase um terço do LP.

Rildo Hora, diretor musical da RCA, preservou a fita de rolo por 43 anos. Graças ao zelo do maestro, redescobriu-se uma composição da qual os próprios autores pouco se lembravam. Se lançada em 1973, teria provocado impacto, pela originalidade

de melodia, letra, arranjo e interpretação. A gravação reapareceu em 2016 e foi apresentada pela Rádio Batuta, onde eu trabalho. De atmosfera sombria e difícil execução, “Os Arcos – Paixão e morte” não intimidou Mariana. Seu registro é histórico, porque tira do ineditismo uma impressionante criação de uma das duplas de compositores mais importantes da música brasileira.

Mariana não esteve sozinha nessa caminhada. O conjunto **Água de Moringa**, sinônimo de excelência quando o assunto é choro e acompanhamento de cantores, sempre foi o parceiro perfeito. Ela tem estreita relação com o grupo, e o entrosamento é outro ingrediente fundamental do disco.

Josimar Carneiro (violão de sete cordas), Luiz Flavio Alcofra (violão), Jayme Vignoli (cavaquinho), Marcílio Lopes (bandolim), Rui Alvim (sopros) e André Boxexa (bateria e percussões) foram respeitosos com o repertório, mas também ousados. As introduções, como a de “Da África à Sapucaí”, acrescentam inesperadas camadas às canções. O sexteto ganhou o reforço luxuoso dos pianistas Carlos Fuchs (em “Oração perdida”) e Cristovão Bastos (em “Cara ou coroa”, faixa da qual também é o arranjador).

Mariana poderia ter escolhido um caminho menos espinhoso, que seria o de gravar canções conhecidas de Aldir. Mesmo as três que podem ser postas nessa categoria não estão na lista de best-sellers do autor. Duas delas ainda têm um inconveniente: foram lançados pela insuperável Elis Regina. Ambas em discos ao vivo. “O cavaleiro e os moinhos” (melodia de João Bosco) é do histórico “Falso brilhante” (expressão criada por Aldir, aliás), de 1976. E “Querelas do Brasil” (parceria com Maurício Tapajós), é de “Transversal do tempo” (também verso de Aldir), de 1978. Este segundo show foi dirigido por Aldir e Maurício. Em entrevista à Rádio Jornal do Brasil naquele ano, a cantora disse que, se pudesse ser outra pessoa, gostaria de ser Aldir.

A terceira um pouco mais conhecida é “Plataforma”, presente no LP “Tiro de misericórdia” (1977), de João Bosco, e que ganhou com o tempo o status de hino pela

liberdade no carnaval (e não só nele). Diz a letra de Aldir: “Não põe corda no meu bloco/ Nem vem com seu carro-chefe/ Não dá ordem ao pessoal”.

Outra de João escolhida por Mariana, “Da África à Sapucaí”, é de um disco pouco lembrado e que se tornou mais fácil de ser encontrado no Japão do que no Brasil: “Cabeça de nego”, de 1986.

Da parceria de Aldir com Guinga, ela foi buscar uma das mais belas composições: “Nem cais, nem barco”, lançada na voz de Leny Andrade em 1991.

“Alafim” também é do início da década de 1990, letra de louvação às nossas origens africanas feita para melodia de um Moacyr Luz ainda muito distante de se tornar uma figura popular.

“Oração perdida” tinha sido gravada por Valéria Lobão e praticamente se impôs no repertório. Por sua beleza lancinante e por ser uma parceria de Aldir com dois integrantes do Água de Moringa: Jayme Vignoli e Luiz Flavio Alcofra.

Outro do conjunto, Josimar Carneiro, criou a melodia de “A cúmplice das noites”. A letra é de 1974 e foi descoberta casualmente por Aldir, que procurava “Os Arcos – Paixão e morte”. É, portanto, mais um item de valor histórico do projeto de Mariana.

A terceira inédita é “Cara ou coroa”, fruto da intensa produção do letrista com Cristovão Bastos nos anos 1990, a mesma época de “Resposta ao tempo”, o grande sucesso da dupla.

O CD/álbum digital de Mariana Baltar e do Água de Moringa espelha as marcas da vida e da obra de Aldir Blanc: coragem, rigor, desprezo por facilidades, respeito à inteligência e à sensibilidade de quem escuta. O encontro entre cantora, conjunto e letrista demorou cinco anos para se concretizar, mas seu resultado é de uma beleza sem data de validade.

Luiz Fernando Vianna é autor de “Aldir Blanc – Resposta ao tempo” (Casa da Palavra, 2013).

Cantora que se dedica tanto à tradição do cancionero quanto ao repertório contemporâneo, estreou em 2001 no projeto Gafieira Dance Brasil, criado por Paulo Moura e Cliff Korman. Integrou por 5 anos o circuito da Lapa, no Centro Cultural Carioca, de onde foi fundadora.

MARIANA BALTAR

Lançou em 2006 o álbum Uma dama também quer se divertir (independente), sendo indicada ao Prêmio TIM 2007 (Revelação). Seu 2º CD (Biscoito Fino /2010) mistura o novo e preciosidades da música brasileira, como inéditas de Thiago Amud e regravações de Assis Valente e Wilson Moreira. Seu 3º trabalho - Tresvários (Tratore / 2013) - celebra a parceria dos compositores Luiz Flavio Alcofra e Mauro Aguiar. O show de lançamento foi considerado pelo

crítico belga Daniel Achedjian como um dos 10 melhores de 2013 do circuito Rio/São Paulo.

Em 2017, participou do álbum A paixão Segundo Catulo (Selo SESC), um tributo a Catulo da Paixão Cearense, ao lado de Joyce e Leila Pinheiro e Claudio Nucci, entre outros.

Em 2019, participa da gravação e do lançamento de Espelho (Selo SESC), que reúne composições dos pianistas Cristovão Bastos e Maury Buchala, ao lado de Monica Salmaso, Renato Bras e Aurea Martins e lança o álbum Os Arcos – Paixão e Morte em parceria com o grupo Água de Moringa.



www.marianabaltar.com.br

Facebook: <https://www.facebook.com/MarianaBaltarOficial>

Instagram: <https://www.instagram.com/marianabaltar>

Youtube: <https://www.youtube.com/user/marianabaltar>

Spotify: <https://open.spotify.com/artist/6YD9pFQUvHd8ohsOi9NyT9>

S
OS ARCOS
PAIXÃO E MORTE
R



ÁGUA DE MORINGA

Facebook: <https://www.facebook.com/aguademoringa>

Instagram: <https://www.instagram.com/aguademoringa30/>

Youtube: <https://www.youtube.com/channel/UCcyDciKjDajrS4PiYwMZDOA>

Spotify: <https://open.spotify.com/artist/6qvOoaDPgwlkt63fUb8GNs>

O sexteto **Água de Moringa**, formado em 1989 a partir do encontro de estudantes numa prática de música de Câmara na Uni Rio, é um dos mais longevos grupos em atividade na cena instrumental brasileira. Tendo como filosofia o mesmo “espírito chorão” dos músicos do final do século XIX, que criaram nova linguagem e escola a partir da tentativa de tocar as músicas vindas da Europa, o Água construiu um perfil musical diferenciado e versátil através de um repertório que transita do choro a peças contemporâneas. A instrumentação tradicional pode assumir, assim, sonoridades surpreendentes a partir da concepção do seu time de músicos e arranjadores de reconhecido destaque no cenário da música brasileira.

Ao longo de sua trajetória, o Água lançou seis CDs e vem se apresentando em festivais de choro, bienais de música contemporânea, ao lado de orquestras e de artistas como Wilson Moreira, Dona Ivone Lara, Walter Alfaiate, Aldir Blanc, Miúcha, João Bosco e Moacyr Luz, entre outros.

Em 2019, o Água comemora 30 anos de atividades com o lançamento de três álbuns: *Água de Moringa 30 anos*; *Caderno*

Roubado, em parceria com o pianista e compositor Carlos Fuchs e Os Arcos – Paixão e Morte, em parceria com a cantora Mariana Baltar.

O Água de Moringa é:

Rui Alvim

clarinete, clarone e saxofone

Marcilio Lopes

bandolim, violão tenor e bandocello

Jayme Vignoli

cavaquinho

Luiz Flavio Alcofra

violão e viola caipira

Josimar Carneiro

violão 7 cordas

Andre Boxexa

bateria e percussão





Música e letra. João Bosco e Aldir Blanc, que se conheceram em 1971, compuseram juntos a suíte sobre uma Lapa sem a magia de outrora, em 1973: primeiro registro foi arquivado por gravadora

João Bosco e Aldir Blanc PARCERIA DOS PRIMÓRDIOS

Suíte inédita, que estava perdida há 43 anos, 'Os Arcos — Paixão e morte' pode ser ouvida na internet

JOÃO MÁXIMO
maximo@oglobo.com.br

Uma suíte inédita de João Bosco e Aldir Blanc, dos primeiros tempos de sua vitoriosa parceria, está ganhando vida após 43 anos. Seu título: "Os Arcos — Paixão e morte". Gravada por João para seu disco de estreia, foi sumariamente arquivada, talvez pela duração (9 minutos equivaliam a três faixas de um LP), mas muito provavelmente pela incompatibilidade entre sua ousadia formal e a insensibilidade dos executivos da RCA Victor.

A suíte era mesmo ousada para os padrões de 1973: um longo poema de versos livres escrito por Aldir para o parceiro acrescentar música com seu estilo único. O resultado é uma dramatização da Lapa numa época em que o bairro boêmio do Rio já havia perdido sua magia. Estava, numa palavra, morto — e como tal é retratado em música e letra que misturam a fidelidade ao barroco do mineiro de Ponte Nova, João Bosco, com a poesia então amineirada do carioca do Estácio, Aldir Blanc.

— Só dois loucos de primeira viagem podiam se atrever a uma obra como aquela — diz Aldir sobre a suíte.

Já João a vê como atestado de que "a parceria estava destinada a dar certo" — por causa da suíte, não apesar dela. A ideia de uma obra sobre os Arcos, simbólica divisória entre dois lados da Lapa (segundo Aldir, "entre o acabar para sempre e o continuar"), foi de Cláudio Tólemei, parceiro seu e de João em "Bernardo, o eremita".

Pronto o poema, Aldir enviou-o por carta para Ouro Preto.

— Eu não conhecia a Lapa, ou melhor, não conhecia o Rio — confessa João. — Tudo que eu sabia vinha das histórias que meu pai me contava ou de coisas que li sobre o bairro. Mas a imaginação é perfeita para se construir o que não se conhece. João Bosco admite que o clima de paixão e morte que prevalece na música — já contidos nos versos de Aldir — é de uma Lapa que vivia então seu momento fúnebre.

— Meu primeiro impacto foi com a geometria dos Arcos — conta. — Aqueles semicírculos

“

“Só dois loucos de primeira viagem podiam se atrever a uma obra como aquela”

Aldir Blanc
Letrista

“Tentei passar a geometria dos Arcos para a música, para as repetições de voz e violão”

João Bosco
Compositor

que se repetem, tentei passá-los para a música, para as repetições de voz e violão.

João observa que os sinos usados por ele num dos movimentos lembram os dos enterros em Minas. A Lapa de hoje, reconhece, é viva e iluminada, mas parece que o bairro tem vivido fases que se alternam. Embora o tempo da história contada seja o do Estado Novo, a suíte é intemporal, válida para os anos 1930, os 1973, ou para um possível futuro.

João Bosco e Aldir Blanc se conheceram em 1971, apresentados pelo amigo Pedro Lourenço, que logo sugeriu que trabalhassem juntos. Tinham então 25 anos. De início, João cursando o quinto ano de Engenharia em Ouro Preto, Aldir perto da Lapa, os trabalhos foram então feitos por carta.

No ano seguinte, João mudou-se para o Rio. Sua primeira gravação, lado B de um "Disco de bolso" do "Pasquim" (no lado A, Tom Jobim lançando "Águas de março"), já tinha letra de Aldir: "Agnus sei". Por fim, em 1973, a chance de um LP inteiro, com produção de Rildo Hora e orquestrações de Luizinho Eça, a

quem João devia seu primeiro contrato com a RCA Victor.

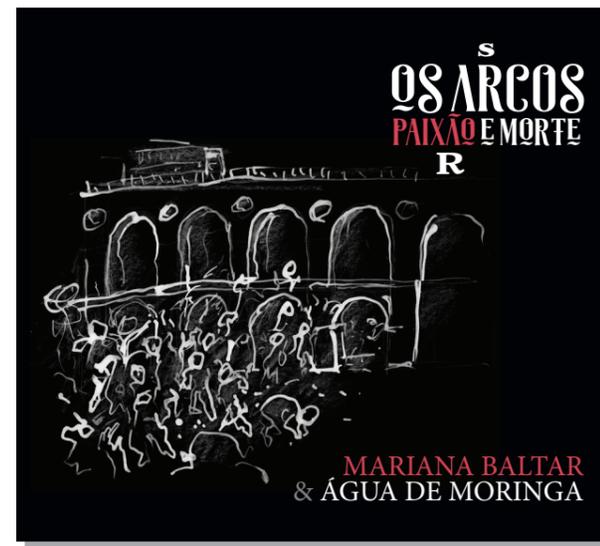
Disco gravado, incluindo a suíte, veio o veto. Por decisão da gravadora, metade dele, seis faixas, teria de ser refeita, agora com arranjos de Rogério Duprat.

— Um executivo da RCA resolveu vetar o que seria nosso primeiro LP — lembra Aldir. — Um chato. O disco era muito bom. Luiz Eça ficou bastante magoado com isso, e nós também. Duprat, mais ligado ao tropicalismo, não tinha intimidade conosco.

O disco, intitulado simplesmente "João Bosco", pode ter soado estranho para alguns críticos. Mas foi a partir dele que João e Aldir começaram a ter suas composições gravadas por Elis Regina e outros.

A suíte volta à cena graças ao interesse de Mariana Baltar em gravar um disco só de letras inéditas de Aldir. Antes de mudar de ideia, para também incluir no repertório algumas já conhecidas, ela recorreu a Aldir, que logo se lembrou da suíte. Onde estaria? Consultado, Rildo Hora disse não saber, mas pôs à disposição do interessados — Mariana e os músicos Jayme Vignoli e Josimar Carneiro — velhas fitas de rolo. Depois de analisar uma a uma, os dois músicos encontraram a da suíte, com os 16 canais originais reduzidos aos dois de um rolo comum. Levada para um estúdio, a fita foi digitalizada.

A possibilidade de uma versão original ser lançada comercialmente é remota. Por ora, o acesso a "Os Arcos" é somente por internet (radiobatuta.com.br), mas Mariana Baltar está mesmo decidida a gravá-la. ●



1. O CAVALEIRO E OS MOINHOS

João Bosco e Aldir Blanc

2. DA ÁFRICA À SAPUCAÍ

João Bosco e Aldir Blanc

3. NEM CAIS, NEM BARCO

Guinga e Aldir Blanc

4. ORAÇÃO PERDIDA

Jayme Vignoli, Luiz Flavio Alcofra e Aldir Blanc

5. CARA E COROA

Cristovão Bastos e Aldir Blanc

6. PLATAFORMA

João Bosco e Aldir Blanc

7. ALAFIM

Moacyr Luz e Aldir Blanc

8. A CÚMPLICE DAS NOITES

Josimar Carneiro e Aldir Blanc

9. QUERELAS DO BRASIL

Mauricio Tapajós e Aldir Blanc

10. OS ARCOS PAIXÃO E MORTE

João Bosco e Aldir Blanc

Ficha técnica

Direção Musical:
Josimar Carneiro

Produção musical:
Josimar Carneiro e Carlos Fuchs

Arranjos:
Luiz Flavio Alcofra, Jayme Vignoli, Josimar Carneiro e Marcilio Lopes

Arranjador convidado:
Cristovão Bastos

Participações especiais:
Cristovão Bastos e Carlos Fuchs

Produção executiva:
Mariana Baltar e Ruth Fleury

Projeto gráfico:
Mauro Aguiar

Ilustração:
Paulo Villela

Fotos Mariana Baltar e Água de Moringa:
Silvana Marques

Fotos Mariana Baltar:
Clara Conti e José Perfeito

Figurino:
Patricia Muniz

Visagismo:
Francisco Leite

Gravado por
Carlos Fuchs e Daniel Vasques
na **Tenda da Raposa**, Santa Teresa / RJ.

Mixado e masterizado por
Carlos Fuchs
na **Arda Recording Company**,
Porto, Portugal.

Contatos para show:
Ruth Fleury: 21 98119 9989
rfleury.producao@gmail.com

link do making of da gravação dessa faixa.
https://www.youtube.com/watch?v=BxvY_LciQvo

S
OS ARCOOS
PAIXÃO E MORTE
R

